

## Síntese das experiências apresentadas no Tapiri Carimbó

Maria Virginia de A. Aguiar<sup>1</sup>, José Nunes da Silva<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup> UFRPE, Dep. de Educação, Núcleo de Agroecologia e Campesinato; Bacharelado em Agroecologia;<sup>2</sup> Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial/UFRPE

<sup>1</sup> mvirginia.aguiar@gmail.com; <sup>2</sup> zenunes13@yahoo.com.br

### Introdução

O III Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (III SNEA) aconteceu em Castanhall, no estado do Pará e dedicou um importante espaço na sua programação para a troca de experiências de Educação formal em Agroecologia. Incentivou-se que as experiências levassem para o evento questões sobre metodologias e práticas que favorecessem a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão e que abordassem temas, como: fundamentos e princípios da educação; diversidades/etnicidades, ancestralidades e saberes tradicionais; formação, profissionalização e currículo em agroecologia; educação do campo, quilombola e indígena; educação feminista; arte e cultura; soberania e segurança alimentar e nutricional; (agro)biodiversidade, solos, água e demais bens naturais; saúde; articulação em rede, parcerias e atores e atrizes envolvidos/as; juventude; e políticas públicas (III SNEA, 2023). A pergunta norteadora que orientou a sistematização das experiências foi: Como as experiências de Educação em Agroecologia estão contribuindo para a construção e/ou fortalecimento de territórios de Bem Viver?

Este texto apresenta algumas reflexões feitas a partir de dez relatos de experiências apresentadas no Tapiri de Saberes denominado de Carimbó. Já faz algum tempo que a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) vem promovendo processos de sistematização e troca de experiências que culminam com a sua apresentação nos seus congressos e seminários. Desde o IX Congresso Brasileiro de Agroecologia, realizado no Pará em 2015, os espaços destinados à apresentação de trabalhos vêm sendo chamados de Tapiris de Saberes. Superando os eventos acadêmicos convencionais que tem um caráter hierárquico e unidirecional, estes espaços se destinam a uma maior participação através do diálogo e a troca de saberes, numa perspectiva mais horizontal. Tapiri é uma palavra derivada da língua indígena Caribe muito conhecida entre populações amazônicas como pescadores/as, ribeirinhos/as, seringueiros/as, agricultores/as e indígenas. Significa “palhoça”, ou seja, uma construção rústica, feita de palhas, que serve para abrigar pessoas em mobilidade pelos territórios

amazônicos quando estão realizando atividades na floresta. Apesar de ser um espaço provisório, tem um importante valor para quem as usa, pois oferece acolhimento, descanso e intensa troca de informações e saberes (XI CBA, 2019).

Assim, durante o III SNEA, foi estimulado que na apresentação das experiências os participantes usassem variadas linguagens e a apresentação de elementos simbólicos e significativos, que as representassem e ilustrassem (objetos que guardassem a memória do fazer coletivo das/os envolvidas/os na construção da experiência) (III SNEA, 2023) (Figuras 1 e 2). Cada experiência foi apresentada nos Tapiris ressaltando os/as sujeitos/as e institucionalidades envolvidas, as questões que trazem sobre os Territórios do Bem Viver e os aprendizados, inclusive aqueles relacionados aos princípios e diretrizes da educação em agroecologia (AGUIAR *et al*, 2013), propostos no I SNEA, realizado em 2013 em Paulista/Pernambuco.



**Figura 1 – Participantes do Tapiri Carimbó com visão sobre os materiais apresentados sobre as experiências de Educação em Agroecologia**

As experiências aqui analisadas são, principalmente, da região Nordeste, sendo quatro (4) experiências do estado de Pernambuco (Bacharelado e Doutorado em Agroecologia), duas (2) do Piauí (Tecnólogo em Agroecologia e extensão universitária envolvendo um núcleo de estudos em Agroecologia/Licenciatura em Educação do Campo), uma (1) da Bahia (extensão universitária e ensino envolvendo um núcleo de estudos em Agroecologia/Licenciatura em Educação do Campo); uma (1) do Ceará (ensino fundamental/disciplinas História, Geografia, Português, Artes, Ensino Religioso e Ciências), mas também da região Norte, com uma experiência do Pará (extensão universitária/Bacharelado em Desenvolvimento Rural) e uma (1)

da região Sudeste com uma experiência de São Paulo (educação infantil e formação de professores).



**Figura 2 – Visão dos materiais apresentados sobre as experiências de educação em agroecologia no Tapiri Carimbó, e as sínteses feitas pelos participantes**

No Quadro 1 apresentamos as experiências e as dimensões da educação formal em agroecologia presentes, as/os sujeitas/os, territórios e instituições envolvidas e as principais considerações sobre o papel das experiências na construção e/ou fortalecimento de territórios de Bem Viver.

Quadro 1 – Experiências apresentadas no Tapiri dos Saberes Carimbó durante o III SNEA

<b>Experiência</b>	<b>Autores</b>	<b>Dimensões da Educação formal em Agroecologia</b>	<b>Sujeitos/as, Territórios e Instituições envolvidas</b>	<b>Principais considerações</b>
Agroecologia e Arte: reflexões sobre o vídeo popular a partir do NAGU	Eduardo J. Santana; Kelci Anne Pereira; Valcilene R. da Silva; Millena Ayla da M. Dias; Ozaías Antônio Batista	Extensão universitária sobre as identidades e lutas camponesas pelo território	Professoras/es, estudantes, camponesas/es; UFPI; Licenciatura em Educação do Campo; Núcleo NAGU; parceiras/os: UNB; UFERSA; CPT; Cenas Camponesas	Construção de narrativas camponesas-emancipação através do vídeo; disputa de narrativas entre os/as camponesesas e o agronegócio na região do Matopiba; troca de saberes; documentação de saberes; aumento das lutas pelo território; coletividade; aprender com a agricultura familiar sobre as realidades rurais; extensão participativa; compartilhar agroecologia.
Laboratório Vivo Cosme e Danião: uma unidade de produção agroecológica do NEA Educampo da UFRB em Valença - BA	Silvana Lúcia da Silva Lima	Extensão universitária para sistemas agroecológicos	Estudantes; mulheres agricultoras/povo Guerém; Valença, Feira de Santana e Amargosa/Bahia Licenciatura em Educação do Campo; UFRB; NEA Educampo; Laboratório Vivo Cosme e Danião; grupo de Mulheres Ver Matão; Espaço Solidário	Sistemas agroecológicos causando adoecimento nas mulheres camponesas (sobrecarga de trabalho, dificuldades físicas para o beneficiamento de frutas): conflitos entre os saberes científicos/SAFs x saberes tradicionais; necessidade de compreender os sistemas camponeses a partir da perspectiva das mulheres e a geração de tecnologias; adoecimento das mulheres.
Ensinamentos do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto para Educação em Agroecologia	Cícero Erivaldo de Lima	Ensino médio/disciplinas de História, Geografia, Português, Artes, Ensino Religioso e Ciências	Crato/CE MSTTR; MST; CEBs; CPT	Trazer os ensinamentos de Caldeirão para o ensino fundamental II articulado com a história e a agroecologia; Importância da mística para a construção do conhecimento; convivência/resistência e solidariedade como valores.
Tecnólogo em agroecologia do CTT-UFPI: perfil socioeconômico-cultural do corpo discente	Cristiane Lopes Carneiro d' Albuquerque e Valéria da Silva	Ensino superior; Tecnólogo em Agroecologia	Jovens urbanas/os periféricas/os em vulnerabilidade social; docentes de várias áreas do conhecimento; Teresina/PI; UFPI/Colégio Técnico de Teresina; NEA	Desafios sobre o acesso de estudantes urbanas/os a escola; operacionalizar o PPC para reforçar os valores agroecológicos; necessidade de formação docente; currículos descontextualizados com a realidade dos/as estudantes urbanas/os; evasão.
O Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco: avanços e limites de uma proposta em curso	Maria Virginia de A. Aguiar; Joanna Lessa F. Silva; José Nunes da Silva; Gilvânia de O. S. de Vasconcelos	Ensino superior; Bacharelado em Agroecologia	Jovens agricultoras/es ou urbanas/os dos estados do Nordeste e outros; coletivo docente interdisciplinar; professoras/es comprometidas/os e “militantes” com a educação; Recife; vários municípios de Pernambuco; outros estados: CE; RN; BA; PB; SP; RJ; Bacharelado em Agroecologia; UFRPE; Núcleo de Agroecologia e	A Pedagogia da Alternância e as imersões como possibilidade de uma maior inserção nos territórios/etnoagroecossistemas das/os estudantes; as metodologias participativas potencializam o diálogo; reconhecimento das/os camponesas/es como sujeitas/os de transformação; perspectiva crítica da agroecologia.

Experiência	Autores	Dimensões da Educação formal em Agroecologia	Sujeitos/as, Territórios e Instituições envolvidas	Principais considerações
			Campepinato; conselho consultivo (FETAPE, MST, CPT, IAM, Centro Sabiá, IPA)	
Os territórios do bem viver na proposta pedagógica do Bacharelado em Agroecologia da UFRPE	Jose Nunes da Silva; M. Virginia de A. Aguiar; Joanna Lessa F. Silva; Ana Sabrina A. Meneses; Anna Guilhermina de A. Pinto; Caroline da S. Alves; Gilberto Manoel da S. Nunes; Joao Pedro M. de Campos; Raul B. Silva; Soraya Cindy A. Meneses; Thiago M. dos Santos	Ensino superior; Bacharelado em Agroecologia	Jovens agricultoras/es ou urbanas/os dos estados do Nordeste e outros; coletivo docente interdisciplinar; professoras/es comprometidas/os e “militantes” com a educação; Recife; vários municípios de Pernambuco; outros estados: CE; RN; BA; PB; SP; RJ; Bacharelado em Agroecologia; UFRPE; Núcleo de Agroecologia e Campepinato; Conselho Consultivo (FETAPE, MST, CPT, IAM, Centro Sabiá, IPA)	A Pedagogia da Alternância e as imersões como possibilidade de uma maior inserção nos territórios/etnoagroecossistemas das/os estudantes; as metodologias participativas potencializam o diálogo; reconhecimento das/os camponesas/es como sujeitas/os de transformação; perspectiva crítica da agroecologia.
Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial: uma análise da formação interdisciplinar de profissionais da agroecologia	Ana Maria Dubeux Gervais; José Nunes da Silva; Jorge Luiz Schirmer de Matos	Pós-graduação; Doutorado em Agroecologia	Estudantes profissionais de diferentes áreas do conhecimento; duplas docentes (interdisciplinar); Distrito Federal; Paraíba; Bahia; Pernambuco; Alagoas; Ceará; Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; UFRPE; UNIVASF; UNEB	Proposta pedagógica (imersões territoriais com devolutivas/produto, eventos para socializar conhecimentos); Docência “militante”; trabalho em associação/rede de instituições de ensino superior.
A imersão pedagógica no âmbito do PPGADT/UFRPE: uma proposta de efetivação de uma educação em agroecologia no Ensino Superior	Vânia de Oliveira Alves	Pós-graduação; Doutorado em Agroecologia	Estudantes profissionais; professores; UFRPE Recife/PE	A imersão territorial na proposta pedagógica
Diálogo construtivo: a importância da extensão universitária na gestão das pastagens do assentamento João Batista II, no município de Castanhal/PA	Giovanni Moraes, Soraya Abreu de Carvalho, Rafael Peniche	Extensão universitária; Bacharelado em Desenvolvimento Rural	Camponesas/as; juventude; docentes mulheres; Castanhal, PA; UFPA/INEAF; MST	Inovação tecnológica no manejo de pastagens; problematização ao uso de agrotóxicos; ampliar conhecimentos sobre plantas forrageiras; contradição entre plantas forrageiras x plantas invasoras; uso de novas ferramentas de comunicação e extensão (podcast); diálogo com o MST que demanda por inovações

<b>Experiência</b>	<b>Autores</b>	<b>Dimensões da Educação formal em Agroecologia</b>	<b>Sujeitos/as, Territórios e Instituições envolvidas</b>	<b>Principais considerações</b>
A Agroecologia como tema mediador da alfabetização infantil na EMEB Leonor Mendes de Barros no município de Restinga-SP	Vitor Moretti Zonetti	Educação infantil; formação de professores	Crianças de 4-10 anos; Professor@s da educação básica (infantil); famílias (mães, pais e responsáveis), prefeitura municipal, escola do ensino básico, secretaria municipal de educação; nutricionistas da escola; Restinga/SP; Prefeitura Municipal e Secretaria Municipal de Educação de Restinga/SP.	Formação de professoras/es; ética/valores envolvidos na docência; perspectiva crítica do desenvolvimento x envolvimento; necessidade de construir currículo para a educação infantil; conflito entre urbanização e perda de conexão com a natureza em áreas onde dominam o agronegócio; processos educativos construídos a partir dos saberes das crianças; alimento como palavra geradora; uso de novas ferramentas didáticas (jogos e brincadeiras); falta projeto político para a introdução da agroecologia na educação infantil

Fonte: organização própria a partir dos resumos submetidos e dos debates no Tapiri de Saberes (2023).

## Os sujeitos das experiências e as institucionalidades envolvidas

As experiências apresentadas no Tapiri Carimbó estão vinculadas a instituições como Universidades Federais (UFRPE, UFRB, UFPI, UFPA, UNIVASF, UNEB), colégio técnico da UFPI e escolas municipais e estaduais (de Restinga/SP e Crato/CE). Várias foram realizadas a partir ou em parceria com núcleos de estudos em Agroecologia (Núcleo de Agroecologia e Campesinato/NAC da UFRPE; o Núcleo de Estudos em Agroecologia e Educação do Campo/NEA Educampo da UFRB; o Núcleo de Agroecologia e Artes do Vale do Gurguéia/NAGU e o Núcleo de Experimentação em Agroecologia do Colégio Técnico de Teresina da UFPI). As parcerias com os movimentos sociais e suas organizações de assessoria também estiveram presentes em várias experiências como, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o movimento sindical de trabalhadores/as rurais, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e o Instituto Abdelaziz de Moura.

Durante os debates, foram pontuados os principais aprendizados para a construção e/ou fortalecimento de territórios de Bem Viver, os quais pontuamos a seguir:

- No diálogo entre saberes tradicionais e saberes científicos, a importância de se compreender os sistemas camponeses, em especial, o protagonismo das mulheres agricultoras e suas questões particulares e as diferentes percepções sobre os bens naturais;
- Demanda pela geração de tecnologias sociais e políticas públicas que potencializem o trabalho das mulheres, a partir de uma abordagem sobre saúde X tecnologia; e que possibilitem a melhoria nos sistemas de produção de base ecológica;
- A Pedagogia da Alternância propicia que a educação formal esteja conectada com os territórios, em diálogo permanente com os contextos e sujeitos/as envolvidas/os;
- As metodologias participativas e as novas tecnologias de comunicação podem contribuir para o diálogo com os/as sujeitas/os nos territórios – vídeo-denúncia, *podcast*, jogos e brincadeiras infantis, palavras geradoras, trabalho com sentidos e percepção infantil sobre o tema da comida, dentre outras, propiciando reflexões para potencializar a conexão com a natureza; o resgate de saberes ancestrais; os laboratórios vivos/unidades de produção agroecológica;
- A interdisciplinaridade como ferramenta que amplia a percepção e, conseqüentemente, potencializa as ações nos contextos territoriais;

- Resgatar a conexão de estudantes urbanas/os com a natureza a partir de uma proposta de educação em agroecologia conectada com a realidade socioambiental das cidades;
- Necessidade de se avançar na construção de uma proposta educativa para as escolas do ensino fundamental, desde a educação infantil até o ensino médio para que possam incluir a agroecologia nas diferentes etapas do processo formativo;
- As redes territoriais de atores/atrizes e instituições envolvidas com as experiências são centrais para a consolidação dos territórios do bem viver.

Diante dos aprendizados elencados podemos afirmar que as experiências apresentadas no Tapiri Carimbó, dialogam, em maior ou menor grau, com os princípios da Educação em Agroecologia (Vida, diversidade, complexidade e transformação) sistematizados por Aguiar *et al* (2013) e que estamos desafiados a pensar nossas práticas pedagógicas desde a educação infantil até a Pós-graduação, aperfeiçoando caminhos pedagógicos e metodológicos contextualizados. Cada experiência é particular, guarda especificidades e somente são possíveis a partir de um conjunto de articulações e atuações de redes e diferentes coletivos e, assim sendo, vão tecendo encantamentos em cada um dos territórios em que se fundam, se enraízam.

Esse fazer pedagógico e, por si só, educativo torna-se fundamental à construção/consolidação dos territórios do bem-viver. Tais territórios vão se constituindo pela junção dos saberes-fazeres de mulheres e homens, crianças, jovens, adultos e anciãs/ões, por vezes considerados/as utópicas/os, que vão tecendo sonhos, por onde parece não haver frestas nas opressões e desigualdades cotidianas do sistema capitalista hegemônico, mas seguem rasgando novas veredas na certeza de que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” (FREIRE, 1979, p.84).

### **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, Maria Virginia de Almeida; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de; LIMA, Jorge Roberto Tavares de. FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra; SILVA, José Nunes da. PEREIRA, Mônica Cox de Britto; VASCONCELOS, Gilvânia de Oliveira Silva de; CAPORAL, Francisco Roberto. Princípios e diretrizes da educação em agroecologia. Recife: Associação Brasileira de Agroecologia (ABA)/Editora da UFRPE, 2013. 16p.

FREIRE. Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

III SNEA. Tapiris de Saberes - Sobre a metodologia de partilha das experiências. Castanhal, 2023.

XXI CBA. Orientações para apresentações de trabalhos - Tapiris de Saberes. Sergipe, 2019.